

Análise dos Movimentos de Sentidos na Pesquisa em Educação

Analysis of the Movements of the Senses in Research in Education

Análisis de los Movimientos de los Sentidos en la Investigación en Educación

Liliana Soares Ferreira¹

RESUMO

O texto aborda aspectos que descrevem a análise dos movimentos de sentidos (AMS), como fundamento teórico-metodológico na pesquisa em educação elaborado por pedagogos/as e pesquisadores. Caracteriza-se como elaboração que tem como bases epistêmicas a pedagogia, a dialética materialista e a noção de sujeito constituído na linguagem. Os aspectos teóricos- metodológicos que orientaram o estudo, cuja sistematização é este texto, assentaram-se na própria AMS, tendo, como técnicas de produção de dados, a análise documental e a pesquisa bibliográfica. Após caracterizar o fundamento, passa-se a diferenciá-lo da hermenêutica, da análise crítica do discurso, da análise de discurso francesa e da análise de conteúdo. Então, descrevem-se possibilidades de aplicação da AMS. Desse modo, o texto caracteriza e orienta quanto à aplicação da AMS, entendendo-a como possibilidade para as/os pesquisadores envidarem seus estudos na área da educação.

Palavras-chave: Análise dos Movimentos de Sentidos. Pesquisa em Educação. Discursos. Sentidos.

ABSTRACT

The text discusses aspects that describe the analysis of movements of the senses (AMS), as a theoretical-methodological foundation of research in education, prepared by pedagogues and researchers. It is characterized as an elaboration that has pedagogy, materialist dialectic and the notion of subject constituted in language as its epistemic bases. The theoretical-methodological aspects that guided the study whose systematization this text is based on the AMS itself, having, as data production techniques, documental analysis and bibliographical research. After characterizing the foundation, it is differentiated from hermeneutics, critical discourse analysis, French discourse analysis and content analysis. Then, possibilities of application of the AMS are described. Thus, the text characterizes and guides the application of the AMS, understanding it as a possibility for researchers to carry out their studies in the area of education.

Keywords: Analysis of Movements of the Senses. Research in Education. Speeches. Senses.

¹Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: anailiferreira@yahoo.com.br  <https://orcid.org/0000-0002-9717-1476>

RESUMEN

El texto aborda aspectos que describen el Análisis de Movimientos de Significados (AMS), como fundamento teórico-metodológico en Investigación en Educación, elaborado por pedagogos e investigadores. Se caracteriza por ser una elaboración que tiene como bases epistémicas la Pedagogía, la dialéctica materialista y la noción de sujeto constituido en el lenguaje. Los aspectos teórico-metodológicos que orientaron el estudio cuya sistematización este texto se basa en el propio AMS, teniendo como técnicas de producción de datos, el análisis documental y la investigación bibliográfica. Después de caracterizar el fundamento, se diferencia de la Hermenéutica, el Análisis Crítico del Discurso, el Análisis del Discurso Francés y el Análisis de Contenido. Luego, se describen las posibilidades de aplicación del AMS. De esta forma, el texto caracteriza y orienta la aplicación del AMS, entendiéndolo como una posibilidad para que los investigadores realicen sus estudios en el área de Educación.

Palabras clave: Análisis de los Movimientos de los Sentidos. Investigación en Educación. Discursos. Sentidos.

INTRODUÇÃO

Ao contrário do que em geral se crê, sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo por aí, é directo, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer; ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, ferveilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições. (Saramago, 2014, p. 134-135)

A pesquisa, especialmente a pesquisa em educação, é um desafio enfrentado no trabalho cotidiano na graduação e pós-graduação. Para atendê-lo, conta-se com acesso a diversas alternativas teórico-metodológicas (pesquisa com o cotidiano, estudos biográficos, estudos estatísticos, estudo de caso etc.), criadas e aplicadas nos ambientes acadêmicos, nessas últimas cinco décadas, e resultantes da proliferação de cursos, programas universitários e pesquisas no campo educacional. Nesse contexto, entende-se a pesquisa como um empreendimento visando a conhecer. Em cada ação, seria mais tranquilo, diante dos referenciais que já existem, aplicar essas alternativas teórico-metodológicas já conhecidas. Todavia, conhecer é conhecer-se e conhecer a inquietude, elemento que é salutar na pesquisa, pois impele a olhar o não olhado, não permite somente escolher. Exige inovar e pesquisar também acerca de como se pesquisa.

Assim, em um movimento heurístico, tendo por inspiração a pergunta “como pesquisar no campo educacional?”, objetivou-se recompor aspectos epistemológicos e procedimentos. Em decorrência da atitude própria de quem pesquisa, visando a superar (e superar-se em) certo lugar comum de metodologias e aportes, arriscando-se no intuito de recriar aspectos para a pesquisa em educação, passou-se a descrever um fundamento teórico-metodológico possível e coerente com as perspectivas teóricas escolhidas. Iniciou-se a descrição da análise dos movimentos de sentidos (AMS).

Neste texto, com o intuito de esclarecer a compreensão de AMS, discorre-se sobre os aspectos teóricos e operacionais desse fundamento na pesquisa em educação. Para tanto, realizaram-se a. a sistematização do que já se produziu; b. pesquisa bibliográfica com o intuito de aprofundar argumentos; e c. de modo metalinguístico, adotou-se a AMS, ou seja, para abordar esse fundamento

teórico-metodológico, ele foi aplicado no estudo que deu origem a este texto. Dois prolegômenos se fazem necessários.

Primeiramente, afirma-se que a AMS é um fundamento teórico-metodológico para a pesquisa em educação, elaborada por pedagogas/os e pesquisadores da área. E isso é determinante ao configurá-la, posto que seus aportes se localizam na pedagogia, na pesquisa em educação e na dialética materialista, além de considerar os sujeitos como seres constituídos na e pela linguagem. Em segundo lugar, trata-se de um fundamento, pois inclui, conectadas, a metodologia e a teoria, permitindo, nessa associação, um estudo do fenômeno educacional, assentado na indissociabilidade entre teoria e prática, portanto uma práxis¹ na pesquisa, implicando aspectos epistêmicos, com base nos quais se escolhe um método científico que, entende-se, “é o meio graças ao qual se pode decifrar os fatos” (Kosik, 2011, p. 54).

A seguir, as seções contêm, inter-relacionadas, as características, a concepção e os procedimentos da AMS, até o momento elaboradas. Seguem anotações com o intuito de pôr um final sempre provisório, posto que, como constructo, a AMS está sob contínua revisão e aprofundamento.

ANÁLISE DOS MOVIMENTOS DE SENTIDOS: UMA DESCRIÇÃO

Ao começar a descrever a AMS, preocupava-nos o como interpretar, atribuir sentidos aos discursos, aos textos, às políticas educacionais, em bases dialéticas. A dialética é esta potencialidade que caracteriza o movimento e, neste, o sujeito constitui-se ser de ação. Trata-se de um ser, que, em meio a determinado contexto no qual acontecem relações sociais, “[...] age objetiva e praticamente, de um indivíduo histórico que exerce sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a consecução de seus próprios fins e interesses [...]” (Kosik, 2011, p. 13). Então, é um sujeito, dessa maneira, social. Por social, entende-se a condição humana de viver na relação com os outros, imersos em contextos e tendo a linguagem como elemento que agrega. Por essa razão, é oportuno descrever compreensões de sentido e de discurso, antes de explicitar modos, etapas e objetivos da AMS.

Importante destacar que, para a AMS, há a percepção de que os sentidos não estão desconectados dos sujeitos do discurso, nem mesmo os negam ou apagam. Ao contrário, eles trazem consigo o sujeito, na medida em que são criações dele, provisórias e reveladoras de uma posição social, da pertença a uma classe social e da consciência de si. Na AMS, a luta de classes está presente de modo latente e/ou explícito, na produção e na interpretação dos discursos. O discurso é do sujeito, porém é também do social, posto que não há sujeito sem o social. E esse aspecto é relevante, porque contribui para que se reforce: os pesquisadores analisam os movimentos, ou seja, os sentidos, em sua apresentação, organização, diferença, semelhança, etc. Interpretar o discurso é uma fase do trabalho dos pesquisadores, possível se referendada por índices dos sentidos, dentro e fora dos discursos, na relação com os sujeitos e com suas pertenças. E são pesquisadores, não linguistas, por isso, a AMS é tida como um fundamento para a pesquisa em educação.

Nessa perspectiva, parte-se de um entendimento de discurso:

Tratam-se [*sic*] de argumentos organizados e expressos pelos sujeitos, mediante uma intencionalidade, um objetivo em relação aos interlocutor(es), pré-estabelecido e teleologicamente elaborado, porque antecipam reações, compreensões, interações, a serem alcançadas através da organização expressiva da linguagem.

1 Práxis é compreendida como “[...] atividade material, transformadora e adequada a fins. Fora dela, fica a atividade teórica que não se materializa, na medida em que é atividade espiritual pura. Mas, por outro lado, não há práxis como atividade puramente material, isto é, sem a produção de fins e conhecimentos que caracteriza a atividade teórica” (Sánchez Vázquez, 2007, p. 237).

Discursivar, primeiramente, é repartir-se no social, indo ao encontro do outro, seja para compartilhar, seja para contrariar. Essa dimensão social do discurso é que o consubstancia como produção social. Pelo discurso, os sujeitos narram, descrevem, planejam, projetam, avaliam, reconstróem e registram seu trabalho. (Ferreira, 2020, p. 4)

Assim descrito, todo discurso tem dimensões, etapas e características. Nesse contexto, dimensões seriam a característica ou o conjunto de características que, junto a outras, compõem o todo. Não se apresentam puras; mesclam-se, inter-relacionam-se.

Para fins deste texto e considerando-se que, com a AMS, analisam-se discursos, são descritos de dez níveis do discurso relacionados às funções da linguagem,² considerados como dimensões de análise da AMS: 1. expressivo: visa à evidência de um pensamento, de uma crença, de uma ideia, de modo espontâneo ou refletido; 2. interpretativo: propõe-se ao esclarecimento; 3. analítico: distingue e descreve; 4. sistematizatório: propõe-se à síntese; 5. persuasivo: visa a mover o interlocutor em vista de uma intenção; 6. anunciativo: antecipa os argumentos na sequência; 7. demonstrativo: descreve estruturas; 8. impositivo: determina, estabelece instituídos; 9. avaliativo: estabelece juízos de valor; 10. fático: aparentemente sem conteúdo explícito, mantém em contato os interlocutores. Reitera-se a possibilidade de esses níveis se mesclarem e se evidenciarem em um mesmo discurso.

O trabalho com discursos na pesquisa em educação, na produção e análise de dados com entrevistas, documentos, textos, notícias etc., mostrou que cada nível desses tem etapas. Ou seja, um discurso tem estruturas frequentemente repetidas, ainda que esta não seja uma regra geral. Sendo um artefato cultural, o discurso se coaduna e evidencia a cultura, portanto difere conforme as vivências, a historicidade, as compreensões de mundo e a forma como vivem as pessoas em seus grupos de pertença. Em acordo com as pesquisas já realizadas,³ percebem-se recorrentes, em cada nível, as seguintes estruturas: a. o anúncio do argumento; b. o desenvolvimento por meio de argumentos interligados; c. um encerramento que retoma as duas etapas anteriores. Outro fator interveniente nessas etapas é o fato de o discurso ser escrito ou oral. Naquele caso, observam-se, recorrentemente, de maneira clara, essas três configurações; neste, nem sempre, em razão de intervenções dos interlocutores, explicações, retomadas etc. De todo modo, configuram-se em etapas e interferem na análise do discurso. Por fim, há características mais ou menos comuns aos discursos, que se aplicam se considerada a textualidade e mediante análise, quais sejam: clareza, objetividade, coesão, integridade argumentativa, sequência lógica.

Vale dizer que, se o discurso é visto como expressão de um objetivo a ser alcançado, é possível tratá-lo objetivamente também. Isso não quer dizer inflexibilidade. Pode ser objetivo e ser flexível, mudando à medida que novos conhecimentos são produzidos, pois os discursos se assumem como elaborações em um movimento contínuo, ora avançando, ora repetindo-se, ora retrocedendo. Acompanhar essas alterações é envidar uma análise dos movimentos de sentidos no discurso.

E, para descrever a AMS, igualmente, adentrou-se no entendimento de sentido como expressão provisória de algo.

2 Funções da linguagem, de acordo com Roman Jakobson (1896–1982, de origem russa), oriundo do Círculo de Praga, o que diferenciou suas proposições das de Ferdinand de Saussure (1857–1913, linguista e filósofo suíço), sobretudo porque este não destacou o sujeito e o contexto do discurso. Jakobson criou uma compreensão quase fenomenológica da linguagem. Estabeleceu que um dos modos de interpretar está relacionado ao “fator” sobre o qual incide a mensagem: referente, emissor, receptor, canal, mensagem ou código (Chalhub, 2006). Denotando uma tendência estruturalista, observa-se, argumentação de Jakobson, aspectos que auxiliam a compreender a AMS.

3 Está-se referindo às pesquisas realizadas pelo Kairós — Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Educação e Políticas Públicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Ao elaborar um discurso, está-se atribuindo um sentido, está-se interpretando. Isso explica por que a atividade do artista no teatro, cinema, televisão é “interpretar” o texto, tornar vivas as palavras registradas no papel, dar-lhes um sentido, enfim. Em segundo lugar, explicar também é dar vazão ao interpretar, relacionando e organizando sentidos. No discurso, estes estão dispostos conforme a intencionalidade, o lugar que se atribuem os sujeitos no social, suas compreensões de si e do mundo.

No ensejo de explicar a noção de sentido, considera-se que este a. se produz por meio da linguagem; b. movimenta-se na medida em que se transformam os interlocutores; c. é mudado pelos sujeitos, mediados pela linguagem; d. permite expressar, configurar, esclarecer, estabelecer, dimensionar os seres, objetos e fenômenos, de modo geral, no contexto do discurso. Ou seja: “O sentido de uma palavra é delimitado pelas combinações nas quais ela pode cumprir sua função linguística. O sentido de uma palavra é o conjunto de suas relações possíveis com outras palavras” (Todorov, 2006, p. 58).

Assim, entende-se que estudar os sentidos demanda estudar os discursos, supondo uma dialética crítica e compreendendo-os como material de análise na pesquisa em educação, na medida em que, pela linguagem, os sujeitos dizem de si, do seu trabalho e, portanto, de sua constituição no social. Visto como integralidade, um discurso pode ser analisado de qualquer ângulo, mas dificilmente seria possível vê-lo por todos os ângulos, ao mesmo tempo. Isto define a diferença entre as interpretações: cada leitor interpreta com base em um dos ângulos, descrevendo sentidos de acordo com o ponto de vista, a historicidade, o nexos que estabelece entre o que lê e o que vive, suas condições de leitura, sua percepção prévia do sujeito do discurso e a dimensão de realidade. Isto porque a realidade humana “[...] não é uma substância imutável, anterior ou superior à história, ela se cria na história” (Kosik, 2011, p. 148). Ricoeur, na perspectiva da hermenêutica, afirmava:

O sentido de um texto não está por detrás do texto, mas à sua frente. Não é algo oculto, mas algo de descoberto. O que importa compreender não é a situação inicial do discurso, mas o que aponta para um mundo possível, graças à referência não ostensiva do texto. A compreensão tem menos do que nunca a ver com o autor e a sua situação. Procura apreender as posições de mundo descortinadas pela referência do texto. Compreender um texto é seguir o seu movimento do sentido para a referência [...]. (Ricoeur, 1976, p. 99)

Sentidos analisados, por serem objetos de debate, interpretação, em suas diferentes manifestações, uma vez que “[...] por meio de um trabalho de análise e interpretação pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido” (Aguiar e Ozella, 2013, p. 304). Quanto à ação dos sujeitos em relação aos sentidos, entende-se interpretação como atividade do sujeito que conhece, e, nesse viés, com a linguagem descreve a própria linguagem. A compreensão de sentido, assim, considera

[...] a soma de todos os eventos psicológicos evocados na consciência graças a ela [palavra]. Portanto, o sentido é sempre uma formação dinâmica, variável, que tem diversas zonas de estabilidade diferente. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido, a mais estável, coerente e precisa. (Vygotski, 1993, p. 333)

Os sentidos, em sua provisoriedade, indicam estranhamentos, desafios, tensões; porém, como são transitórios, modificam-se continuamente. O desafio da AMS é analisar esse movimento, propondo entendimentos que, se alterados os sujeitos, os tempos e os discursos, também se alteram.

Nesses termos, a compreensão não se configura em sinônimo de interpretação: “[...] a linguagem é o *medium* universal no qual se realiza a compreensão mesma. A forma de realização

da compreensão é a interpretação” (Gadamer, 1988, p. 467). Nesse entendimento, a compreensão acontece de acordo com os sentidos historicamente elaborados pelos pesquisadores, tendo como ambiente a linguagem. Em suma, configura-se no vínculo entre o que se lê ou ouve; como se lê ou ouve. Acontece em movimentos de sentidos, pois estes normalmente instáveis, reajustam-se, recompõem-se, rearticulam-se, sempre com referência ao discurso em compreensão.

Por sua vez, a interpretação é o trabalho de linguagem, de caráter analítico e reflexivo que os pesquisadores realizam com esses sentidos:

O trabalho interpretativo, portanto, revela-se como o desvelamento, elaboração e explicitação das possibilidades de significação do documento, projetadas pela compreensão. Em última análise, pode-se dizer: a interpretação des-cobre aquilo que a compreensão projeta. (Silva, 1984, p. 71)

Desse modo, compreender e interpretar corresponde a processos de metalinguagem:⁴ por meio da linguagem se entende a linguagem e, quanto mais linguagem se pratica, mais linguagem se consegue significar. Comparar, cotejar, avaliar inclui-se entre algumas das atitudes que visam ir da compreensão à interpretação, em diálogo contínuo com os interlocutores da pesquisa. Nesse contínuo devir, educa-se, expande-se e elabora-se a própria capacidade de interpretar e compreender, sempre dialogicamente (Ferreira, 2020).

Durante, ainda, os processos de compreender e interpretar, há que considerar os discursos como grandes metáforas. Isso porque, em sua condição de figura de linguagem, a metáfora está no suporte do sentido. Trata-se de “[...] uma criação instantânea, uma inovação semântica que não tem estatuto na linguagem já estabelecida e que apenas existe em virtude da atribuição de um predicado inabitual ou inesperado” (Ricoeur, 1976, p. 63). As metáforas filiam-se aos sentidos, ao modo de organizar os discursos, à intencionalidade: “Enfim, uma metáfora nos diz algo de novo acerca da realidade” (Ricoeur, 1976, p. 64). As metáforas recriam a linguagem, consistem na produção de um sentido sob outro sentido aparente, permitindo compreender e interpretar sentidos em níveis diferenciados.

E vai se compondo uma historicidade e, nela, um caráter cumulativo na atribuição de sentidos, supondo sentidos anteriores. Nas palavras de Manguel (1997, p. 33), em livro com caráter literário, uma espécie de romance da história da leitura: “cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes”. Ler significa busca do sentido, “entrar” no texto, percorrê-lo em seu emaranhado sob a guia de um método composto de significados já estabelecidos, vivências, historicidade, leituras já realizadas, gosto, convenções. Interessante notar que qualquer leitor pode encontrar qualquer sentido em qualquer texto sempre, mesmo que não o revele, desde que compartilhe com o texto uma linguagem comum. No entanto, nenhuma leitura pode ser definitiva, pois mudam os leitores e, com isso, mudam os sentidos que eles podem estabelecer para o texto cada vez que o rerelem. É por isso que somente na escola se encontram leituras definitivas. Por exemplo, a leitura do texto literário feita pelos professores e expressa por meio de questões a serem respondidas pelos estudantes com o intuito de provarem que leram a mesma obra, de acordo com pesquisa realizada com professores dos anos iniciais do ensino fundamental (Ferreira, 2002). Fora da escola, todas as leituras são possíveis.

Cabe, ademais, intencionando descrever as características da AMS, de acordo com o objetivo deste texto, diferenciá-la de outros procedimentos em pesquisa, aparentemente próximos. É o que se propõe na seção seguinte.

4 “Uma distinção foi feita, na lógica moderna, entre dois níveis de linguagem, a ‘linguagem-objeto’, que fala de objetos, e a ‘metalinguagem’, que fala da linguagem” (Jakobson, 2001, p. 127).

ANÁLISE DOS MOVIMENTOS DE SENTIDOS: CARACTERÍSTICAS EM DIFERENÇA

Em busca de explicitar a AMS, propõem-se diferenças de outras perspectivas teórico-metodológicas. Entre estas, escolheu-se a hermenêutica (Ricoeur), análise crítica do discurso — ACD (Fairclough), análise de discurso — AD (Pêcheux) e análise de conteúdo — AC (Bardin). A seguir, relatam-se aspectos que as diferenciam, de maneira breve, dados os limites de extensão deste texto.

O interesse em formular uma análise dialética dos discursos, denominada AMS, considerando-a fundamento teórico-metodológico, adveio da dificuldade em escolher uma das análises. Objetivou-se romper com as análises descritivas ou assentadas em princípios que desconsideravam os sentidos como centralidade, substituindo-as por uma análise cujo foco fosse o discurso (Pêcheux, 2015, p. 17). Pretendeu-se ir além, uma vez que se considerou como base a mediação tanto dos pesquisadores/analistas quanto do mundo material, os sujeitos como produtores de sentidos e o discurso como produção dos sujeitos, com características materiais que os projetam no social.

Ricoeur, em acordo com uma descrição da hermenêutica, propõe que sentido é “sinônimo de significação” (1976, p. 19) e, assim, aplica os termos em seus escritos. Entende sentido como “o conteúdo preposicional”, síntese das funções de identificatórias (o suporte é o sujeito, o singular) e predicação (“o predicado designa uma espécie de qualidade, uma classe de coisas, um tipo de relação ou um tipo de acção” (Ricoeur, 1976, p. 22). Então, significado diz respeito a atualizar o discurso (Ricoeur, 1976, p. 24). O sentido estaria como que escondido nas palavras e precisaria ser “descoberto”, perder a cobertura. Para tanto, o analista, na hermenêutica assim descrita, trabalharia no desvendamento da linguagem, interpretando, atribuindo sentidos com e por meio da linguagem. A análise se tornaria centrada no sujeito que analisa. Qual seria a condição para validar a análise? Ricoeur argumenta que, após a análise, “[o] que o texto significa interessa agora mais do que o autor quis dizer, quando escreveu” (1976, p. 41), corroborando a crença de que todos os sentidos, se estiverem em consonância com referentes do discurso, têm validade. Validade e provisoriade, assim, são dois critérios fundamentais para a análise de discursos. Todo movimento de sentidos resultante da análise pode ser válido, embora provisório. Válido porque contém marcas da textualidade, refere-se a ela e denota estar incluído nela. Provisório porque pode ser substituído por outro sentido, mais válido ainda. Da hermenêutica, portanto, a AMS afasta-se ao considerar os sentidos como centralidade e potencializar os movimentos na interpretação dos sentidos, buscando dar primazia a esse processo dialético.

Da mesma maneira, a AMS, conforme se argumenta neste artigo, difere da ACD, proposta por Fairclough (Fairclough e Melo, 2012), entretanto mantém com ela algumas similaridades (Quadro 1).

Por sua vez, para a AD, de Michel Pêcheux, importam os sentidos como elaborações baseadas na posição dos sujeitos, que é sempre ideológica, tendo a linguagem como materialidade do texto. De acordo com Orlandi (2012, p. 19), há a análise da produção do discurso e esta acontece em momentos, quais sejam: a constituição (quando é recuperada a “memória do dizer”), a formulação (no ato de enunciar) e a circulação (em condições determinadas). Para a AD, a constituição e a formulação indissociam-se. O sujeito diz e, ao dizer, elabora ou reelabora seu dizer, o que inclui elaborar e reelaborar tudo que já disse, ouviu, leu, vivenciou. Ao dizer, assume consigo e com os outros um compromisso demarcado pelo conteúdo, pela escolha de palavras, pela entonação da voz, enfim, pelo discurso (Orlandi, 2012).

Para a AMS, por sua vez, o discurso é “[...] uma materialidade potencialmente analisável na perspectiva dialética” (Ferreira, 2020, p. 3). Trata-se de uma elaboração dos sujeitos, indicativa de como estes vivem e pensam o mundo. Já nessa perspectiva, a AMS diferencia-se da AD, de inspiração francesa:⁵

⁵ “A Análise de Discurso francesa, que tem sua origem nos anos 60, surge em um contexto intelectual afetado por suas rupturas. De um lado, com o progresso da Linguística, era possível não mais considerar o sentido apenas como conteúdo.

Quadro 1 - Características da análise dos movimentos de sentidos e da análise crítica do discurso.

AMS	ACD
Trata dos sentidos que evidenciam o social.	Trata dos problemas sociais.
Todo o social, incluindo as relações, expressa-se nos discursos.	As relações de poder são discursivas.
Os sujeitos produzem discursos que, em acordo com suas posições de classe, evidenciam o social, a cultura e a ideologia.	O discurso constitui a sociedade e a cultura.
	O discurso faz um trabalho ideológico.
Os discursos e, portanto, os sentidos produzidos pelos sujeitos demarcam-se pela historicidade, ao mesmo tempo que a constituem dialeticamente.	O discurso é histórico.
A análise dos sentidos, em seus movimentos intra e interdiscursos, acontece mediante comparação, explicação, cotejamento, interpretar e, então, sistematizar.	A análise do discurso é interpretativa e explicativa.

Fonte: a autora (2024), com base em Fairclough (Fairclough e Melo, 2012).

AMS: análise dos movimentos de sentidos; ACD: análise crítica do discurso.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. (Pêcheux, 1997, p. 160)

A proposição de Pêcheux (1997), como se observa, tem o contexto como elemento de referência na análise dos discursos, enquanto a AMS se centra no sujeito, e este é entendido como ser social, pertencente a uma totalidade social, determinado por suas condições e pela sua posição na luta de classes, apoiado na qual produz sentidos. Ainda que, segundo a AD, sejam os sujeitos quem mobiliza as posições ideológicas, na AMS, os sujeitos assim o são antes da ideologia, por sua pertença e vivência no social. Por essa razão, a totalidade é uma categoria dialética significativa para a AMS:

Ao considerá-la, pode-se partir do suposto de que só se compreende o discurso nas relações que o determinam, na materialidade que o produziu, nas quais se manifestam interesses de classes fundamentais no processo de produção discursiva. Nesse sentido, objetivar-se-á deslindar o discurso dominante, as produções de consenso e as determinações, desconstruindo aparências, mediante a recomposição dos sentidos dos movimentos históricos, para finalmente atingir a essência, por meio do movimento sincrônico entre empiria e teoria. (Ferreira, 2020, p. 13)

Se os sentidos são ilimitados, também a interpretação seria, porque “[...] interpretar é dizer o dito — que entretanto aparece como o grau zero do dizer, ilusão de uma relação direta das palavras

Isto permitiu à análise de discurso não visar o que o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo face a um texto), mas como um texto funciona. De outro, nesses mesmos anos, há um deslocamento no modo como os intelectuais encaram a ‘leitura’ [...] Há o que designo como a suspensão da noção de interpretação. A leitura aparece não mais como simples decodificação, mas como a construção de um dispositivo teórico. [...] Reconhece-se a impossibilidade de se ter acesso a um sentido escondido em algum lugar atrás do texto. A questão do sentido torna-se a questão da própria materialidade do texto, de seu funcionamento, de sua historicidade, dos mecanismos dos processos de significação. A Análise do Discurso é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nesta opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique” (Orlandi, 2012, p. 20-21).

com as coisas” (Orlandi, 2012, p. 27). Assim, o objetivo da AD seria “[...] descrever o funcionamento do texto [...] explicitar como um texto produz sentido” (Orlandi, 2012, p. 23). Para a AMS, interpretar é resultado da análise dos movimentos de sentidos, e, dessa maneira, a centralidade é o sentido, como núcleo do discurso.

No que lhe concerne, em sua proposta, a AC (Bardin, 2011) foi elaborada visando a atribuir credibilidade à análise de mensagens, considerando a frequência e a incidência dos vocábulos. Assim, vincula-se à crença na métrica, na prova, nos dados quantitativos.

A AC, segundo Bardin, corresponde a um conjunto de técnicas que objetiva “[...] obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2011, p. 48). E a autora explica que é uma soma de técnicas, cada uma com sua função, por isso um conjunto. Essas técnicas se complementam para explicar as mensagens, explicitar o que contêm. Implica esse processo de deduzir, com base na lógica, de maneira a justificar. Como referência para essas deduções há quem é o emissor, qual o contexto em que produziu a mensagem e os impactos dela sobre esse sujeito e os demais.

Ao final, se aplicada a AC na pesquisa em educação, os pesquisadores terão chegado a indicadores para conhecer, interpretar os textos/mensagens, relacionando-os ao contexto em que foram produzidos e aos sujeitos ou mesmo às instituições que os produziram, sem necessariamente estabelecer nexos entre eles. Por isso, sobre a AC: entende-se que é uma técnica, uma construção teórica diferenciada da análise dialética. Ao aplicar conceitos de mensagem, categoria, texto etc., o faz de forma a simplificar e sem referência teórica explicitada, diferentemente do que caracteriza a AMS.

Parece haver possibilidade de uma análise dialética como referência teórica e a análise de conteúdo como procedimento, uma vez que, para Bardin (2011), a AC é do âmbito da técnica de análise dos dados e a dialética constitui-se nos princípios filosóficos e teóricos, defendidos pelos pesquisadores, como elementos complementares. Da mesma maneira, dialética e AC trabalham com categorias; para aquela, as categorias equivalem a índices do social nos fenômenos estudados e, para esta, são grupos de sentidos que impregnam as mensagens. Mesmo que a AC indique a repetição como integrante do ato de categorizar, para a dialética esse aspecto não é de todo antagônico, posto que a categoria se evidencia como conteúdo independentemente de como é indicada. Uma diferença crucial é que Bardin (2011) prevê que o entendimento dos discursos, como conteúdos, implicaria atravessar o significado e chegar ao significante. Do mesmo modo, a AC não separa com vigor o subjetivo e o objetivo. Em suas dimensões descritiva e interpretativa visa a entender as mensagens. Todavia, haja vista o suporte da dialética, isto não é possível, pois os sentidos são fluidos.

Encerrando essa comparação, coloca-se em relevo a AMS, a AC, a hermenêutica e a AD na pesquisa em educação, aportando-se em quadro-síntese das características elaborado por Rocha e Deusdará (2005) e demais autores que abordam essas perspectivas (Quadro 2).

De maneira a constituir uma sinopse, poder-se-ia afirmar que a AMS analisa os sentidos, suas variações, no interior e na composição dos discursos. Em suma, ela dedica-se a analisar e, então, a interpretar os sentidos, de modo dialético, como produtos dos sujeitos imersos em suas condições de vida; a ACD interpreta e explica os discursos; a AD dedica-se a explicar como os sujeitos produzem os discursos; e a AC, como se verá a seguir, o que dizem em seus discursos.

Em destaque, a distinção entre a AMS e a AC tem, portanto, um suposto: esta visou a, tendo a língua como um “comportamento” analisável, manter um distanciamento entre o individual e a totalidade, de modo que a) as características individuais integrassem o social e denotassem uma “essencialidade” dos “indivíduos” (Rocha e Deusdará, 2006, p. 42). Para a AMS, no discurso, como manifestação do sujeito, ambos sociais, há vínculos com a totalidade, tanto porque ela denota uma posição desse sujeito no social quanto porque evidencia a pertença, compreensão e defesa quanto

Quadro 2 - Análise dos movimentos de sentidos, análise de conteúdo, hermenêutica e a análise de discurso, na perspectiva da pesquisa em educação.

	Hermenêutica	Análise do discurso	Análise de conteúdo	Análise dos movimentos de sentidos
Objetivos na pesquisa	<p>“Olhar para o real com os óculos de pesquisador é investigar como estas coisas estão postas e estabelecidas no cotidiano da escola. Nisto, o processo interpretativo permite um conjunto de instrumentos que potencializa e amplia enormemente a percepção do real” (Ghedin, 2004, p. 05).</p>	<p>“[...] analisar em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo se constrói” (Rocha e Deusdará, 2005, p. 321).</p>	<p>“[...] captar um saber que está por trás da superfície textual” (Rocha e Deusdará, 2005, p. 321).</p>	<p>Analisar como os sentidos (produzidos pelos sujeitos, em seus contextos de produção), em seus movimentos intra e interpessoais, indicam as posições no social e suas interpretações dos fenômenos.</p>
Pesquisador/a	<p>“[...] o pesquisador é o intérprete da realidade que se expõe diante dele. Ele está cheio de realidades, teorias e experiências que se defrontam com outras realidades, teorias e experiências que são constitutivas de uma determinada visão de mundo [...]” (Ghedin, 2004, p. 05).</p>	<p>“[...] agente participante de uma determinada ordem, contribuindo para a construção de uma articulação entre linguagem e sociedade” (Rocha e Deusdará, 2005, p. 321).</p>	<p>“[...] espião da ordem que se propõe a desvendar a subversão escondida, leitor privilegiado por dispor de ‘técnicas’ seguras de trabalho” (Rocha e Deusdará, 2005, p. 321).</p>	<p>Interlocutor que ouve ou lê os discursos na condição de sujeito, objetivando conhecer, estando e percebendo-se imerso em condições sociais, políticas e econômicas que lhe permitem atribuir sentidos ao que vive.</p>
Concepção de linguagem	<p>“A hermenêutica situa-se na existência da linguagem, é nela e por ela que se processam os significados. Porém a linguagem não é o único instrumento de manifestação da existência, isto é, o discurso é uma forma de manifestação do ser, mas nem por isso é a única maneira de manifestação da realidade” (Ghedin, 2004, p. 01-02).</p>	<p>“[...] teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação” (Orlandi, 2005, p. 10).</p>	<p>O objeto da “[...] análise de conteúdo é a palavra, isto é, o aspecto individual e actual (em acto) da linguagem” (Bardin, 2011, p. 49).</p>	<p>“[...] é o conjunto de signos linguísticos e não linguísticos (mímica, canto, gestos etc.), ou seja, é entendida como toda manifestação verbal e não verbal, por meio da qual os sujeitos interagem, estabelecem relações e trabalham” (Ferreira, 2020, p. 04). Nesse sentido, o discurso é evidência material dessa interação.</p>

Fonte: a autora (2024), com base em Rocha e Deusdará (2005, p. 321); Ghedin (2004); Bardin (2011); Orlandi (2005); Ferreira (2020).

ao entorno daquele que discursiva. Nesse sentido, se aproxima da AD francesa, na medida em que esta também põe em relevo a noção de discurso para aproximar o sujeito da linguagem e o da ideologia (Rocha e Deusdará, 2006, p. 46). Ao propor essa aproximação, Pêcheux supera a noção de sentido como conteúdo (Rocha e Deusdará, 2006, p. 46), e, nisso, a AMS e a AD têm um ponto em comum, pois naquela se defende o sentido como produção, sempre em movimento, sendo a linguagem o ambiente de interpretação (Gadamer, 1988).

Um elemento a ser relevado, ainda, é a “categoria”, fundamental para a AMS. Na AC, as categorias *a posteriori* são resultantes de uma contínua elaboração de indicadores, encontrados por reincidência nas mensagens/textos, que são reorganizadas, reagrupadas, autoexcluindo-se até se obter uma síntese que diz respeito à problematização matriz da pesquisa. Há, por sua vez, categorias *a priori*, elaboradas por meio da problematização. Em ambas, o critério semântico é priorizado: o que significam, o que abarca aquilo que significam se considerada cada categoria, relacionada ao contexto (Bardin, 2011). Categorias, neste prisma, na AMS, são conjuntos de sentidos que se tornam significados, estabilizados ao passarem por uma sistematização. São diferentes dos conceitos, cujo caráter é descrever, definir. Tratava-se de analisar o provisório em busca de uma estabilidade, ou seja, os sentidos visando aos significados. Por esse motivo, é um trabalho complexo para os pesquisadores:

Sair da aparência não é trabalho fácil. Implica [...] dar um tratamento teórico-metodológico às mediações desveladas, apreendidas pelo trabalho de análise. Para isso, faz-se necessário recorrer às categorias oriundas da teoria e do método, de modo que nos possibilitem caminhar na direção de explicações cuja finalidade consiste em revelar não o sujeito individualizado, mas a síntese de múltiplas mediações que, sem deixarem de remeter ao sujeito em foco, expandem nosso conhecimento sobre uma realidade concreta que supera a ideia de sujeito como ser em si mesmo, mas que, sem dúvida, tem o sujeito como sua unidade, seu motor. (Aguar, Soares e Machado, 2015, p. 65)

Essas passagens do aparente para o analisado e do simples para o complexo compõem as atividades dos sujeitos pesquisadores, e, como tal, estes são trabalhadores que aplicam a linguagem para compreender o mundo.

Para a AMS, categorias configuram-se em um estágio dos sentidos dentro de um discurso, depois de lidos. A seguir, os sentidos são cotejados entre si, compreendidos, interpretados e, depois, sistematizados. Sua valibilidade e sua perspectiva de aplicação dizem respeito às evidências do sujeito/instituição e das relações desse sujeito/instituição com a totalidade, as evidências de historicidade, os movimentos sociais, os contraditos (Ferreira, 2020). Nesse processo, a reincidência não é prioritária, mas indicativa. Importa o quanto são reiterados os sentidos no que têm de fundamental para a análise.

Em síntese, quanto às categorias, se a AC as prioriza ao explicitar significados na inserção no contexto, na AD, as categorias são irrelevantes. Por sua vez, a AMS considera as categorias naquilo que explicitam da totalidade, dos sujeitos, entendendo que essa explicitação está em movimento dentro do próprio discurso e na relação deste com aqueles: “A análise é, dessa maneira, uma espiral se formando, cujas dobras se vão intercambiando e demandando sentidos para emergir, de modo que possa dar um sentido ao discurso inicial” (Ferreira, 2020, p. 12). Isto porque, para a AMS, o discurso materializa-se, vem no lugar do sujeito, e a linguagem é o meio no qual se produz esse discurso. A totalidade social manifesta-se no discurso e estudá-la implica relações entre as partes e todo, um dos movimentos dialéticos da AMS:

Tratamos de um processo muito complexo o qual dividimos em partes para melhor compreendê-lo, sem esquecer jamais que as partes pertencem ao todo. E nesse

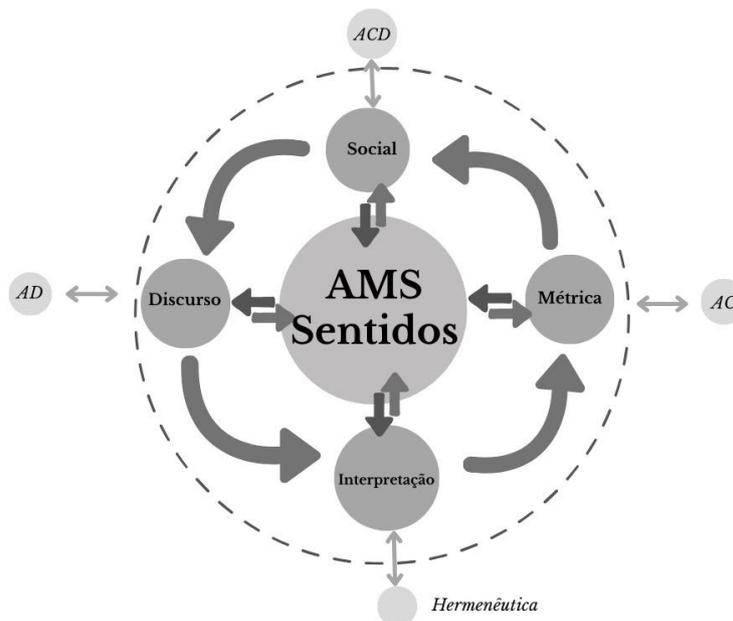
conjunto o que mais importa compreender é a relação que se estabelece entre as partes, não as mesmas em si. Já sabemos que um todo não é a soma das partes, mas apresenta-se diferente a cada momento em que as relações mudam entre as partes. (Waschowicz, 2009, p. 09)

Supondo como referência os elementos comparativos arrolados nesta seção do texto, salienta-se o fato de que o elemento diferencial da AMS, em cotejamento com outras modalidades de análise, diz respeito aos sentidos, dentro do discurso, sua materialidade.

Assim, o discurso é materialidade. Está na base desta, sustenta-a, alimenta-a de sentidos e possibilita o movimento dos sujeitos, em inter-relação. Entende-se, assim, a materialidade do discurso e a mediante sua análise podem-se conhecer as condições de vida dos sujeitos, suas marcas ideológicas e sua inserção no social. Isso se deve ao fato de o discurso amalgamar o social exterior à historicidade do sujeito, revelando-o como trabalhador e exibindo o seu trabalho. Um discurso não é individual, produz-se em decorrência de uma formação coletiva e, assim, tem a ver com historicidade. Isso porque não há discurso como protoforma, marco zero, há sempre um antes e um depois, aos quais se referenda o discurso. Obviamente, é mister considerar que um discurso não é um compósito de verdades ou a verdade. (Ferreira, 2020, p. 03)

Tendo em vista as comparações citadas, chega-se a esta formulação (Figura 1).

Figura 1 - Representação gráfica da análise dos movimentos dos sentidos em relação às demais possibilidades.



Fonte: Ferreira (2024).

Na AMS, parte-se do discurso, como se elabora a relação do sujeito com seu contexto de pertença, e adentra-se nos sentidos que compõem esse discurso, analisando-se recorrências, índices de sentidos comparados com um objetivo de análise. O discurso, então, é a evidência dessa pertença, de como o sujeito se posiciona no mundo em vista de suas condições de vida, de produção material de sua vida. Inexiste discurso sem estar inserido no social. Separar o discurso do sujeito

invalida a análise. Colam-se sujeito e discurso, constituindo-se em um amálgama para a análise. Isto não quer indicar, por exemplo, biografismo. A leitura diacrônica é, sem dúvidas, favorável; porém há um sincronismo, um presente revelador do que o sujeito é, em quais condições e por quê. Esse sincronismo possibilita ao analista compreender o agora para entendimentos acerca de como se produziu e como se projeta à frente, sem perder de vista a vida material e as relações de classe, suporte do discurso, mas centrando a análise nas células que compõem o discurso: os sentidos. Uma vez compreendidos os sentidos, com base em todo o trabalho de análise, retorna-se ao discurso para reintegrá-los e, então, elaborar sistematizações (e não sínteses).

Entende-se sistematização como produção do conhecimento: “Sistematizar somente é possível a partir de estudo. E toda sistematização encerra um sentido e projeta a necessidade de outros, em um movimento, essencialmente dialético, com vistas à compreensão dos sentidos como evidências dos sujeitos” (Ferreira, 2016, p. 179). As sistematizações permitem argumentar sobre os sentidos produzidos, muito mais como um “perguntar-se sobre” do que propriamente um “afirmar sobre”, sem se descolar das evidências discursivas, (com)textuais e do que a análise permitiu interpretar e esta interpretação entendida também como sentido, ou seja, de caráter provisório, estando suscetível ao crivo de novas interpretações.

Feitos esses esclarecimentos, indicam-se, na seção seguinte, aspectos relacionados a como proceder na pesquisa em educação, tendo por fundamento a AMS.

ANÁLISE DE MOVIMENTOS DE SENTIDOS: PROCEDIMENTOS

A AMS caracteriza-se por suas possibilidades: a. a de análise, constante no próprio nome. Analisar quer dizer, nesse caso, estudar profundamente. Para tanto, isolar, comparar, cotejar, reintegrar e sistematizar: “O ir e vir ao texto, a leitura recorrente, atividade intensa dos leitores/pesquisadores é auxiliada pela elaboração de instrumentos de análise, tais como tabelas, sínteses, esquemas, desenhos, quadros etc” (Ferreira, Braido e De Toni, 2020, p. 4-5). Esses recursos permitem “uma leitura aprofundada, na qual os sentidos se evidenciam como resultados da análise” (Ferreira, Braido e De Toni, 2020, p. 4-5); b. a de interpretação, pela qual se chega a um sentido-síntese baseado em movimentos de sentidos, lembrando que “A AMS alia interpretação, análise, compreensão, objetivando adentrar nos discursos, evidenciando sentidos que se confirmarão ou não, quando cotejados com outros” (Ferreira, Braido e De Toni, 2020, p. 4-5); c. a de sistematização, que implica a defesa do sentido-síntese e este, quando aceito pela comunidade acadêmica, produz significado. É por isso que se trata de um fundamento, porque não se esgota somente na ação dos pesquisadores, demandando conhecimento para selecionar, analisar e sistematizar.

Indica-se como se organizam as fases da pesquisa em educação se aplicado o fundamento teórico-metodológico que se denomina AMS:

Etapa I

- Determinada a problematização que dará origem ao estudo, passa-se à leitura. É leitura como conhecimento do material disponível para o estudo. Também se elabora o percurso de análise do material.
- Listagem das referências ao tema de pesquisa, encontradas na leitura preliminar, estabelecimento de plano de análise: o que e como analisar; como sistematizar. Nesse momento, categorias constituem-se *a priori*, suscetíveis a serem reelaboradas durante o estudo.

Etapa II

- Estudo do material selecionado. São elaboradas tabelas, imagens, figuras e recursos que permitam selecionar e organizar sentidos a serem estudados dentro do discurso, entre e fora dos discursos e novamente reintegrando-os ao discurso.

Etapa III

- Análise por mecanismos de reiteração, reincidência, comparação, cotejamento,⁶ significação.

Etapa IV

- Valida-se o estudo. É o momento de visualizar os movimentos entre os sentidos, como se apresentam, reconstroem, rechaçam, contradizem etc.

Etapa V

- Sistematização, elaboração de argumentos sobre a análise dos sentidos.

Em sua pesquisa, Siqueira (2020) representou graficamente os movimentos próprios da AMS deste modo (Figura 2).

Figura 2 - Movimentos da análise de movimentos dos sentidos.



Fonte: Siqueira (2020).

Ressalta-se que o sentido é estabelecido pela aproximação com algo já conhecido ou vivenciado. Todo sentido é produzido de modo relacional: pressupõe outro, ou para complementar, contrapor, reescrever, ou para superar, substituir. Somente há sentidos se houver algo antes: “A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite as inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente” (Kleiman, 1999, p. 10).

Desse modo, ao analisarem os discursos dos interlocutores, os pesquisadores buscam elementos linguísticos relacionados a. à problematização que deu origem ao estudo (referência técnico-científica); b. à historicidade do tema de estudo (referência dialética); c. aos conhecimentos prévios acerca do tema em debate (referência teórico-instrumental); d. aos sentidos já elaborados em suas leituras ou vivências (referência subjetiva-pessoal); e. e às palavras portadoras de sentidos semelhantes (referência linguística). E está iniciado o processo de análise.

Exemplifica-se a aplicação da AMS em estudos realizados em repositórios de dissertações e teses. Entende-se que esses estudos se constituem em pesquisa textual, acontecem quando

⁶ Dada essa sistemática, a aplicação da AMS diferencia-se das pesquisas estado da arte, na medida em que estas se detêm no levantamento dos dados, não priorizam um estudo comparativo, visando à leitura dos movimentos dos sentidos, conforme descrevem Romanowski e Ens (2006).

os pesquisadores desejam conhecer a historicidade das pesquisas já realizadas sobre a temática pesquisada. Delimitam-se indicadores a serem buscados nos repositórios. A seguir, acontece a pesquisa. Todavia, ela não se configura em um processo tranquilo, como relatado a seguir:

[...] enfrenta-se uma intensa dificuldade ao pesquisar em repositórios de produção acadêmica, como, por exemplo, nos bancos de dissertações e teses. Muitas vezes, ou por demora, ou por falha nos dados, ou devido à restrição de acesso público ao texto, não se consegue ler a produção, o que exige desconsiderar da pesquisa textos, cujos títulos, inicialmente, inspiram atenção. Com isso, admite-se a possibilidade de falta na totalidade de dados, apesar do cotejamento realizado, da revisão reiterada e cuidadosa dos dados produzidos. Também se destaca que a discrepância entre temática, título, resumo, palavras-chave e sumário foi o fator considerado para não indexar alguns trabalhos nas tabelas de análise, entendendo que estes devem estar imbricados. (Ferreira, Braido e De Toni, 2020, p. 3)

Na sequência, acontece a análise dos dados produzidos, ou seja, os textos selecionados e organizados em pastas são lidos e, com base em índices, buscam-se os seguintes dados:

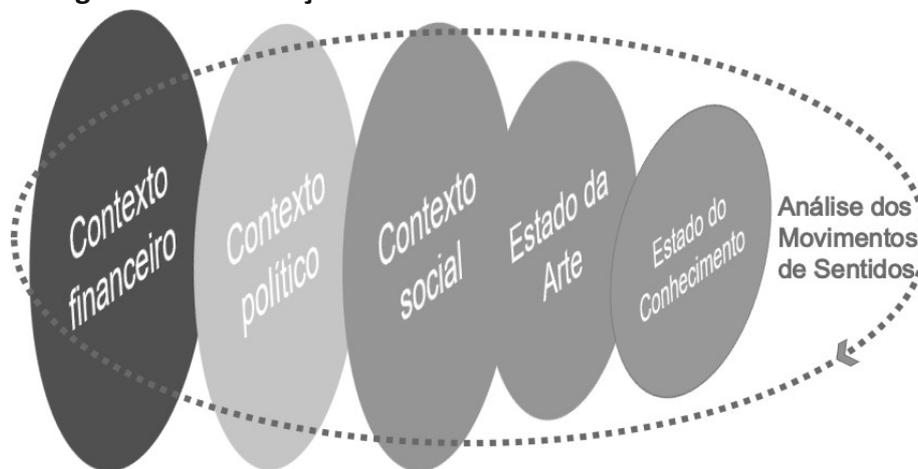
- a) problematização: como foi elaborada, originalidade e organização;
- b) objetivos e, nestes, os verbos aplicados;
- c) justificativa e, nesta, a relação com a historicidade dos pesquisadores;
- d) categorias e subcategorias;
- e) aportes teórico-metodológicos;
- f) sujeitos da pesquisa;
- g) fundamentação teórica;
- h) análise dos dados;
- i) “descobertas” da pesquisa;
- j) referências: quais os autores, cuja obra está relacionada ao tema central, citados. E como índices externos:
- k) o programa de pós-graduação: sua historicidade, sua centralidade temática; composição; objetivo;
- l) proximidade da pesquisa com a linha de pesquisa e com o programa;
- m) a composição da banca, quem são os convidados, de quais programas provêm. Uma vez organizados os dados, dispostos em tabelas, passa-se ao cotejamento, comparação, e, em consequência, interpretação. Essa análise, embora parta da tabela, externa ao texto, exige o retorno ao texto para o entendimento do dito não somente como extrato, mas, do mesmo modo, inserido no texto. As tabelas, são, assim, uma estratégia que permite a comparação entre os sentidos, diacrônica e sincronicamente, mas não se esgota em si, pois há a leitura e releitura dos textos. Muitas vezes, elaboram-se tabelas, imagens e desenhos na organização dos dados, a fim de observar como os discursos variam e, dentro deles, como os sentidos se articulam e rearticulam se alterados os sujeitos, o tempo, os temas em debate.

Após essa organização, começa-se a sistematizar. Como já referido, sistematizar significa argumentar, organizar e expressar sob a forma de texto a análise, os resultados e dúvidas produzidas, enfim, redigir. Nesse momento, mais uma vez, a pesquisa bibliográfica pode ser retomada para tornar claros os argumentos, substanciá-los. Resulta uma articulação, sob a forma de texto, do estudo realizado. A escrita objetiva não somente o registro do alcance do estudo, mas a elaboração dos pesquisadores, que, ao interpretarem os movimentos de sentidos, revelam o alcance e consistência de seus estudos.

A pesquisa, desse modo, vai além de um estado da arte ou um estado do conhecimento, posto que adentra no texto, busca seus sentidos, por meio de um estudo que alia aspectos teóricos e

metodológicos. Para descrever o quão diferente é aplicar o fundamento AMS e aplicar o estado do conhecimento ou estado da arte em estudos de produção acadêmica, Braido (2021), graficamente, assim argumentou (Figura 3).

Figura 3 - Constituição da análise dos movimentos de sentidos.



Fonte: Braido (2021).

Com essa imagem, a autora mostrou que a AMS transcende a compilação de dados ou o estudo em si. Objetiva também estudá-los em relação à sua inserção em uma totalidade social, sempre em movimento, o que indica uma flexibilidade para entender que os sentidos se movimentam, se rearticulam, são sistematizados, em algum momento, como estágios de produção do conhecimento, mas dificilmente haverá “conclusões” ou “verdades”. Isto porque são sentidos, provisórios e em movimento e elaboram-se sobre eles hipóteses de compreensão, com base nas referências (com) textuais. E esse é o grande desafio dos analistas-pesquisadores, reinventarem-se e disporem-se a investigar e investigarem-se continuamente, posto que os sentidos nos discursos (assim como os sentidos individuais) vão se movimentando juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partiu-se de objetivo relativo à pesquisa em educação, qual seja, o de sistematizar os estudos desenvolvidos sobre o fundamento teórico-metodológico denominado AMS, aplicado à produção e à análise de dados. Esse fundamento, alicerçado na dialética, centra-se nos sentidos contidos nos discursos, os quais são evidências da vida material dos sujeitos. Não há discursos sem relação com a vida dos sujeitos que os produzem, e a vida se produz no trabalho, o qual também autoproduz os trabalhadores. Assim, sujeitos e trabalho imbricam-se na materialidade da existência, revelada e socializada pelos discursos.

No processo de caracterizar e descrever a AMS, após um conceito inicial, estabeleceu-se comparação com a hermenêutica, AD, ACD e AC, relativamente aos aspectos conceituais mais gerais. Desse modo, além de conceituar, diferenciar, também se estabelecem os limites. Em seguida apresentou-se, no contexto da especificidade do fundamento teórico-metodológico proposto, como aplicar esse fundamento: etapas, exemplos e procedimentos.

Há muito a elaborar e, cada vez que se trabalha com a AMS, percebem-se aspectos a serem reformulados, aprofundados ou mesmo refutados e alterados. O processo de construção desse modo de realizar pesquisa, assentado na dialética, é também pesquisa em educação e provoca a

produção de dados, análise e sínteses. Trata-se, portanto, de um estudo sobre como se pesquisa na área, de modo crítico, criativo, sem perder o cuidado e o rigor próprio da ciência da educação, a pedagogia.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299- 322, jan.-abr. 2013.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 144, p. 56-75, 2015. <https://doi.org/10.1590/198053142818>

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRAIDO, Luiza da Silva. **Análise dos Movimentos de Sentidos sobre valorização/desvalorização sobre o trabalho dos(as) professores(as):** quais pontes se têm atravessado? 2021. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2021.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ática, Série Princípios, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman; MELO, Iran Ferreira de. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'Água**, v. 25, n. 2, p. 301-329, 2012. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329>

FERREIRA, Liliana Soares. **Produção da leitura na escola:** por um trabalho de efetiva interpretação do texto literário em aula. Ijuí: Editora UNIJUI, 2002.

FERREIRA, Liliana Soares. “Ser” ou “não ser” professora/professor? Eis uma questão em busca de respostas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 59, p. 175-192, jan.-mar. 2016. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.40948>

FERREIRA, Liliana Soares. “Discursos em análise na pesquisa em educação: concepções e materialidades”. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. 1-18, 2020.

FERREIRA, Liliana Soares; BRAIDO, Luiza da Silva; DE TONI, Dulcineia Libraga Papalia. “Pedagogia nas produções acadêmicas da Pós-Graduação em Educação no RS: análise dos movimentos de sentidos”. **Cocar**, UEPA, v. 8, p. 146-164, jan/abr. 2020. ISSN: 2237-0315

GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y metodo**. 3. ed. Salamnca: Espanha, Ediciones Sígueme, 1988.

GHEDIN, Evandro. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS – SIPEQ, 2, 2004, Bauru. **Anais [...]** Bauru: Universidade Sagrado Coração, 2004. p. 1-14.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2001.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 6 ed. São Paulo: Pontes, 1999.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudo da linguagem**. Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 9-13, jun. 2005. <https://doi.org/10.22481/el.v1i1.973>
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. São Paulo: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso – estrutura ou acontecimento**. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação – o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 1976.
- ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **ALEA**, v. 7, n. 2, p. 305-322, jul.-dez. 2005. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2005000200010>
- ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: o linguístico e seu entorno. **D.E.L.T.A**, n. 22, v. 1, p. 29-52, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502006000100002>
- ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas “Estado da Arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. ISSN: 1518-3483
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SARAMAGO, José. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler – fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Editores Associados, 1984.
- SIQUEIRA, Sílvia de. Integração curricular e trabalho pedagógico: uma análise com base nos discursos de professores do IFFar Campus de Júlio de Castilhos. 2020. 153 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, CTISM/Universidade Federal de Santa Maria, 2020.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- VYGOTSKI, Lev Semionovich. Pensamiento y lenguaje. In: VYGOTSKI, Lev Semionovich. **Problemas de Psicologia General – Obras Escogidas – v. II**. Madri: Visor, 1993. p. 11-348.
- WASCHOWICZ, Lílian Anna. **Pedagogia mediadora**. Petrópolis: Vozes, 2009.

Como citar este artigo: FERREIRA, Liliana Soares. Análise dos movimentos de sentidos na pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 30, e300026, 2025. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782025300026>

Conflitos de interesse: A autora declara que não possui nenhum interesse comercial ou associativo que represente conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Financiamento: Pesquisa realizada com financiamento da Chamada CNPq Nº 09/2022 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ.

SOBRE A AUTORA

LILIANA SOARES FERREIRA é doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora titular do Departamento de Fundamentos da Educação no Centro de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação e no Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Políticas Públicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Recebido em 10 de agosto de 2023

Revisado em 20 de fevereiro de 2024

Aprovado em 29 de fevereiro de 2024

